



Director literario:
Augusto de Santa-Rita
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Eduardo Colletts
PAPUSSE

De marçano a milionário

A VIDA DUM ROKFELLER

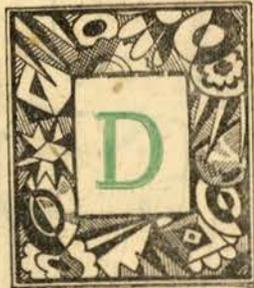
Novela infantil

por

Augusto de Santa-Rita

Desenhos de Olavo

CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR



DECORRIDOS quatro anos, os automóveis «Bull & Clarck» estavam já espalhados por todo o país, graças ao espírito empreendedor e reclamista de Roque.

De tal forma o ex-marçanito do Ti'Malaquias ganhara a confiança de «mister» William que este, reconhecido, o tornára sócio da sua importante firma que era conhecida, agora, por «Bull, Clark & C.º», cedendo-lhe um quinto de todas as suas acções, cuja importância total ascendia

a cinco milhões de dolares.

Roque, além dos lucros fabulosos que auferia, presentemente, era senhor, portanto, dum capital de um milhão de dólares que, em dinheiro português, correspondia, pouco mais ou menos, à linda soma de vinte mil contos.

Vivia, pois, despreocupadamente, embora sempre absorvido pelos afazeres da sua importante Agência em cujo «bureau» trabalhava, consecutivamente, das nove da manhã às sete e meia da tarde e, algumas vezes, à noite, em serões desde as nove às duas da madrugada.

Todavia, agora, uma única ambição possuía Roque: — descobrir se o sentimento novo, obcecante, dominador, que em seu coração se abrigara e Esmeraldinha lhe inspirava há meses, seria correspondido. Esmeraldinha, porém, mostrava-se tão retraída em sua presença, — (principalmente desde que Vasco, já com dezoito anos de idade, a infor-



ROQUE

ESMERALDA

VASCO

mara da assídua côrte de «miss» Mary junto de Roque a qual nunca ousava ocasião de lhe manifestar a sua simpatia) — tão retraída, tão concentrada que Roque nunca se animara a confiar-lhe o seu amor.

Roque fizera-se amigo de Vasco, com o único intuito de poder visitar a miude a família Souzaes em cuja casa Esmeraldinha vivia desde que saíra do Orfanato.

Frequente era, pois, deparar agora Roque, Vasco e Esmeraldinha, conversando animadamente em casa dos Viscondes Souzaes.

De quando em quando, a busina dum magnífico «Bull & Clark» anunciava a Esmeraldinha, que num secreto alvoroço o aguardava, a chegada de Roque.

A antiga companheirinha do ex-marçano, amava-o, em segredo, apaixonadamente. Mas a fortuna imensa que elle adquirira e o receio de que «miss» Mary lhe não fosse completamente indiferente, impedia-a, por um natural pudor, de lhe exteriorisar os seus sentimentos.

Um dia, porém, Vasco participou a seus pais que ia empregar-se na Agência de Roque que acolhera generosamente o seu pedido de colocação, dando-lhe um lugar de confiança, magnificamente remunerado.

Oito dias depois de colocado na «Bull, Clark & C.^o», Vasco confidenciou a Esmeraldinha, encontrar-se loucamente apaixonado por «miss» Mary e que esta parecia corresponder-lhe, noticia que, a Esmeraldinha, causou enorme contentamento.

Três dias após, Roque, num serão em casa de Vasco, aproveitando um furtivo momento em que se encontrou a sós com Esmeraldinha resolveu declarar-se-lhe abertamente. Com grande alegria sua, Roque ouviu dos próprios lábios de Esmeralda palavras semelhantes às que elle lhe confiara.

E, em noites sucessivas, ao luar, Roque namorando, romanticamente, Esmeraldinha à janela, recordava, agora, aquella noite em que, após a grande sova do Ti'Malaquias, a deixara com a promessa de a ir buscar quando, tornado um Roque... feller, pudesse livremente unir ao dela o seu destino.

«Deus ouviu-te nesse momento, Roque!» murmurava, ouvindo-o, sorridente Esmeraldinha, em cujos cabelos loiros, um lindo luar de Agosto punha luminosos reflexos.

Enquanto Roque e Esmeraldinha divagavam de Amor, «miss» Mary no Avenida Palace, onde todos os anos com seu pai, permanecia três meses, de volta da América, tomando gelados e bombons, ouvia de Vasco também uma formal declaração de Amor.

A pouca distância, em dois cômodos «maples» «mister» William Bull conversava baixinho com D. Viviana que acompanhara Vasco ao «Avenida Palace» e que, num correcto inglês, respondia a William, enlevada e confusa:

«Mas não seremos demasiado idosos, meu amigo, para sonharmos, assim acordados, um tão lindo futuro?!»

«Não, Baroneza, será eternamente novo o nosso Amor!» insistia William — que chamava agora, a atenção de D. Viviana para o idílio em que se encontravam Mary e Vasco.

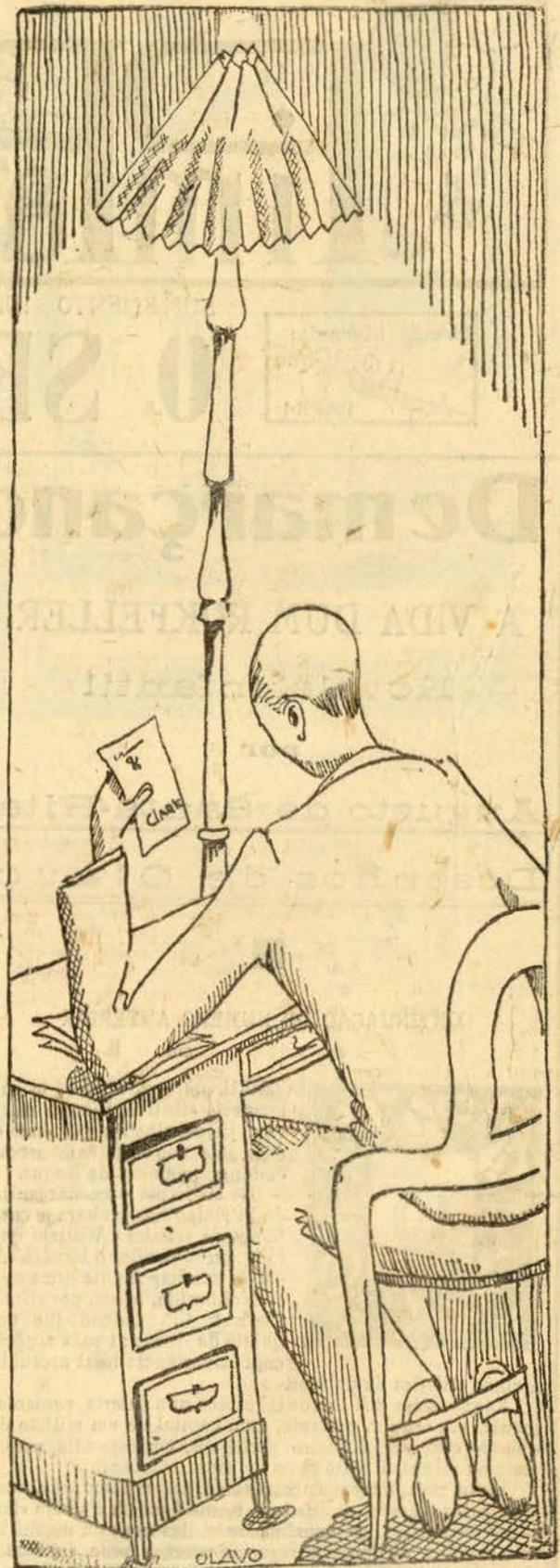
«Desconfio que se amam também...» acrescentou «mister» Bull, enquanto D. Viviana concluia:

«ah desconfia?! Pois eu tenho a certeza!»

Três meses decorridos, D. Viviana, os Viscondes de Souzaes, Esmeraldinha e Vasco, Roque, «miss» Mary e «mister» William encontravam-se em Souzaes; os cinco primeiros instalados no seu antigo palacete e os três últimos numa bela propriedade adquirida por «mister» Bull.

A noite, em serões de família, em casa de D. Viviana, reuniam-se os três casais de noivos, entregues aos preparativos dos casamentos, já destinados para o mesmo dia. Dia que chegou, finalmente, realisando-se os esponsais na mesma igreja, a linda igreja matriz de Souzaes, toda engalanada de rosas brancas, camélias e cecus.

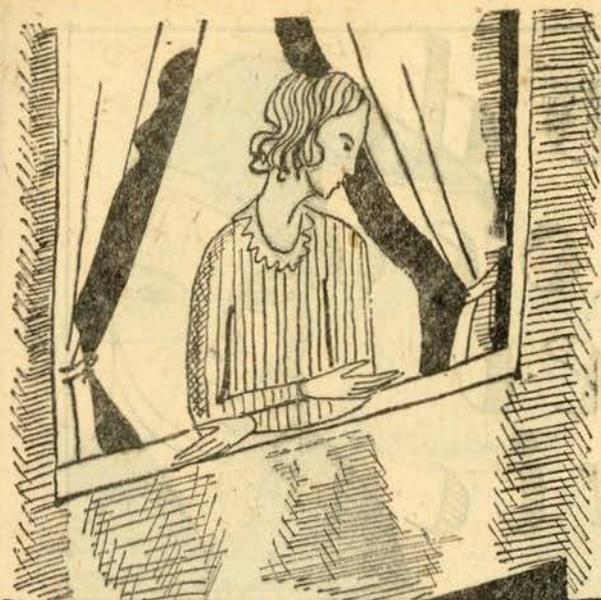
A beira da falência, a mercearia Confiança, desde que os seus melhores freguêses — os Viscondes de Souzaes —



VASCO JÁ TRÁ BALHAVA NO STAND... ••

havião retirado para Lisboa, aumentava, de mês para mês, o número dos seus credores.

Ti'Malaquias já não tinha com que ocorrer às despesas



dos seus fornecimentos e fôra êle próprio quem ficara a substituir, definitivamente, Roque, apesar do seu reumatismo que, dia a dia, se agravava, sujeito às intempéries do tempo e às longas caminhadas.

Ti'Malaquias via-se, agora, forçado a trespassar a mercearia Confiança para satisfazer os seus compromissos e tratar da sua tão abalada saúde, para o que alugou uma misérrima trapeira em casa duma família bastante necessitada. Como, porém, alguns meses decorridos, devido à sua invalidez, não tivesse com que satisfazer o seu sustento e a respectiva renda de casa, viu-se forçado a estender a mão à caridade pública. E vagueava pelas ruas, vaiado pelos garotos que, sabendo o que êle havia feito sofrer a Roque e a Esmeraldinha, pensavam consigo próprios: — «é bem certo que Deus, com a sua oculta mão, dá o castigo aos maus e a recompensa aos bons.

Entre a aluvião de pobres que se encontravam à porta da igreja, na manhã dos três casamentos, Ti'Malaquias, com grande pasmo, no momento em que extendia a mão mendigando uma esmola, reconheceu Esmeraldinha e Roque que, por sua vez, o reconheceram também.

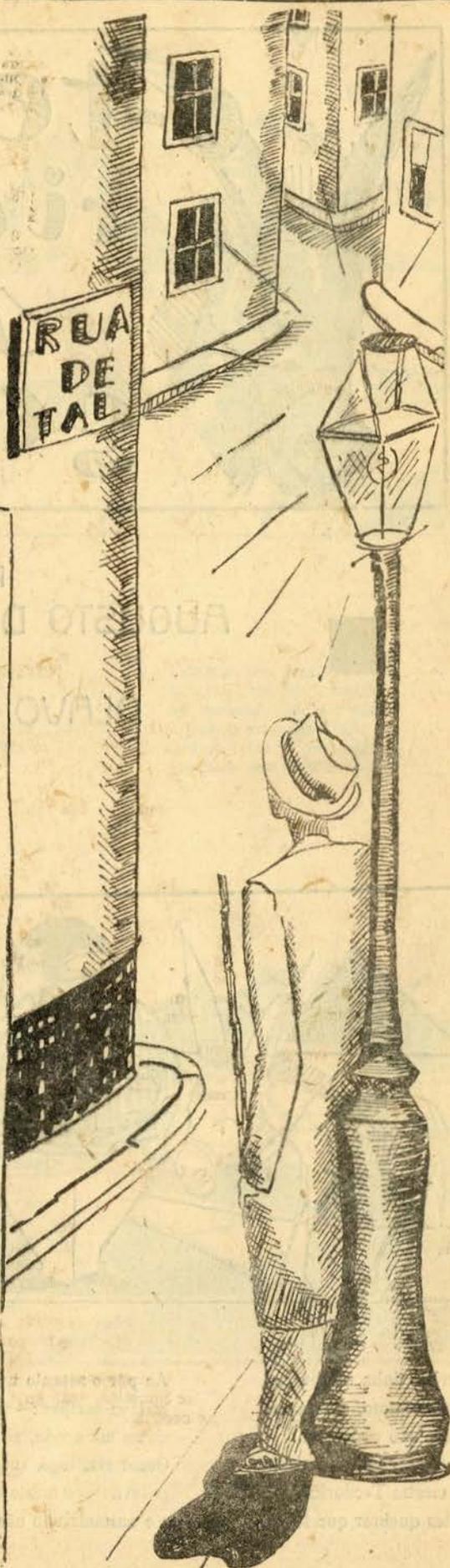
Naquele momento de completa felicidade, Roque e Esmeraldinha, esquecendo generosamente o mal que Ti'Malaquias lhes havia feito e condoídos pela sua desgraça, deram-lhe uma avultada esmola e, dirigindo-se a D. Viviana, pediram-lhe a necessária autorização para o internamento do Ti'Malaquias no Asilo de Invalidos que ela fundara e dirigia. Imediatamente D. Viviana, pedindo a seu noivo «mister» William um cartão de visita, escreveu umas breves linhas à sub-directora e entregou-o ao Ti'Malaquias que logo, no dia seguinte, foi internado.

Após os três casamentos, D. Viviana e «mister» William Bull partiram em viagem de núpcias para o Bussaco, hospedando-se no «Palace Hotel» e, oito dias depois, para Nova York onde fixaram residência.

«Miss» Mary e Vasco foram passar a lua de mel a Sintra, ao mesmo hotel onde Mary havia almoçado no dia seguinte ao da chegada a Portugal.

Esmeraldinha e Roque partiram, num magnifico «Bull & Clark» para o Monte Estoril, hospedando se no Grande Hotel de Itália onde actualmente se encontram, muito felizes, lendo no *Pim-Pam-Pum* o desfecho verdadeiro da sua história, que me foi contada pelo próprio Roque, de quem sou muito amigo, e que me prometeu dá-lo a ler aos filhos que Deus lhe der, por entender ser êste o melhor jornal infantil que se tem feito em Portugal.

■ FIM ■





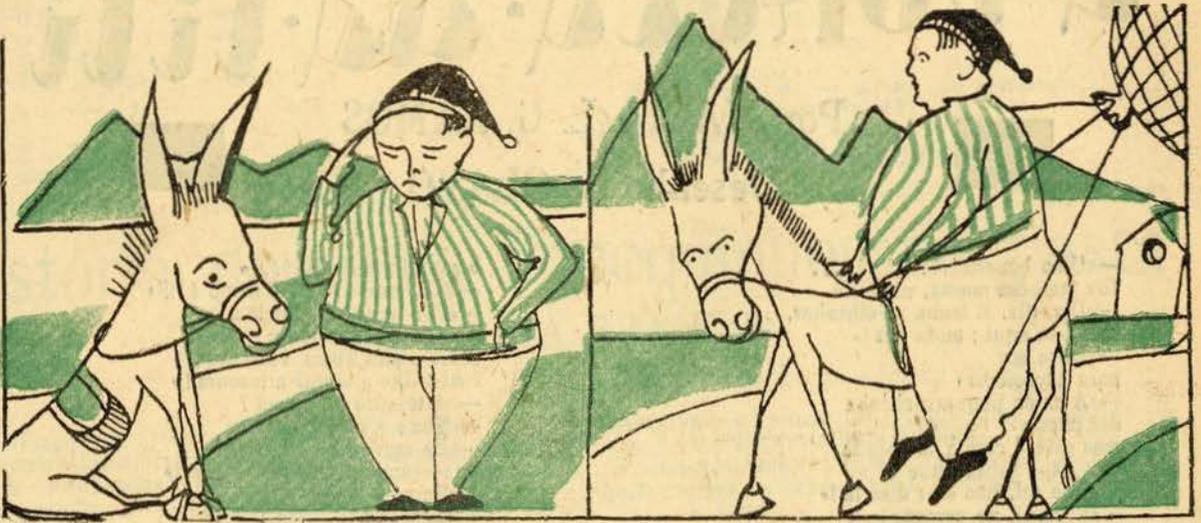
POR
AUGUSTO DE SANTA-RITA
E
OLAVO EÇA LEAL



Teodorico tinha um burro
que era teimoso, casmurro
até mais não poder ser.
E também, como o gericão,
era o mestre Teodorico
de antes quebrar que torcer.

Ao pôr o assento na albarda,
gritava sempre: — «ó da guarda,
quem me acode, ai quem me acode?!...»
Quem via, logo, surpreso,
gritava: — «é muito o seu peso
e o animalzinho não pode!»

Não poderia o gericão
sustentar o Teodorico
com sete arrobas e meia?!
Fosse lá pelo que fosse
o certo é que dava couce
que ninguém faz uma ideia!



Mas Teodorico, casmurro, pôs-se a teimar que o seu burro o havia de transportar... dêsse lá por onde dêsse; quizesse que não quizesse, se havia de acostumar.

Entretanto, o que o detinha era a gordura que tinha, as sete arrobas e meia! e murmurava:—«ora esta!...» mas, nisto, bate na testa, teve uma súbita idéa.

Comprou um grande balão, que preso ao seu cinturão, aos ombros, braços e pés, o tornou mais lévezinho que as velas do seu moinho e o fumo das chaminés.



Mas o pior foi que, a meio do seu belo devaneio, em certa altura da estrada, o balão deu tal estouro que nem rugido de toiro ou explosão de granada!

Evitemos os inventos tendo por base jumentos que nos podem causar mágua; ninguém queira ser casmurro, pois, mesmo tendo um só burro, dá com seus burrinhos n'água!

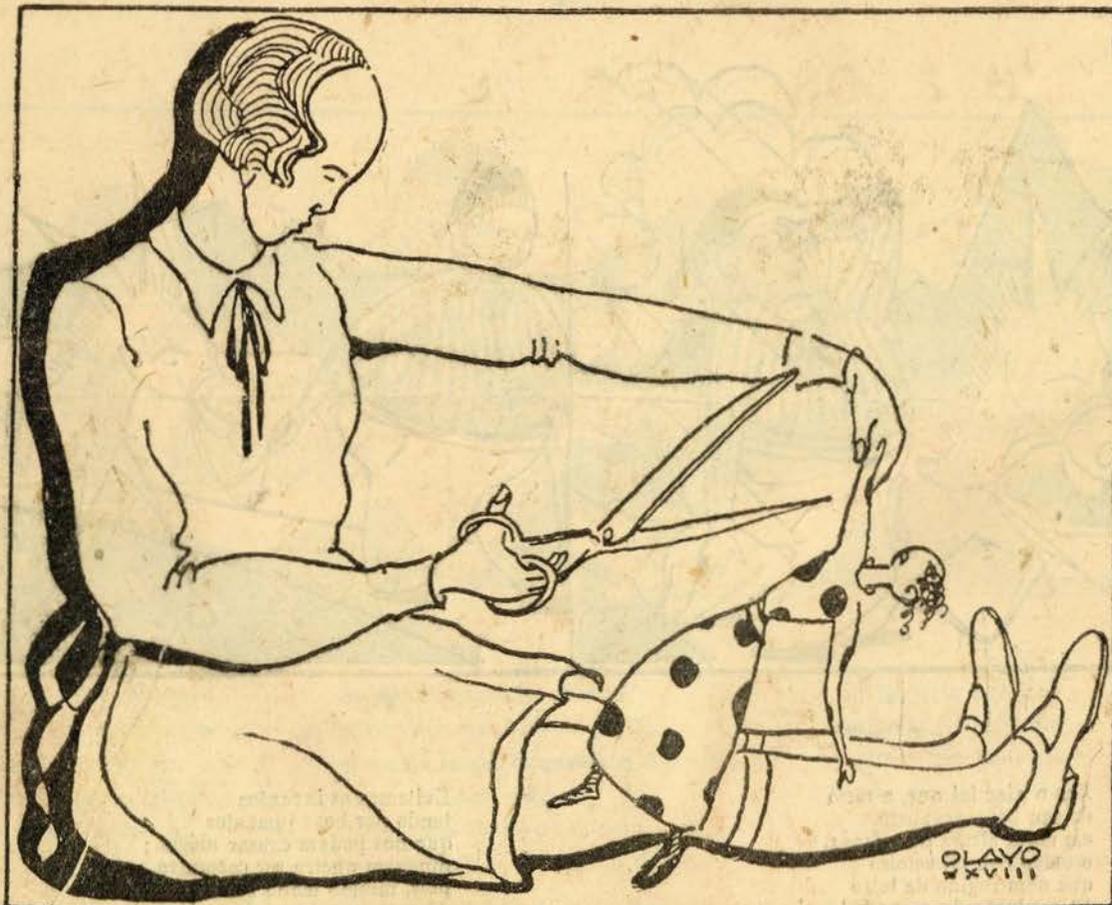
a boneca da lili

Por MARIA L. G. RAMOS

Desenho de OLAVO

—«Uma boneca!... dá cá...»
 Diz também mamã, papá?!»
 —«Diz, diz. E fecha os olhinhos,
 chega-te aqui; anda ver!»
 —«Deve ser
 para adormecer»
 —«A mana pequerruchinha
 diz papá;
 mas essa é com a boquinha,
 esta não. Sabes onde é?!»
 —«Não sei, não sei; dize lá!»
 —«E' aqui, no coração!»
 —«No coração?! E's tolinha.»
 «Porquê?! não pode, então ser?!»
 —«E se a abrissemos p'ra ver?!!»
 —«Isso não, oh isso não,
 ficaria escangalhada!»
 —«Qual! tornava-se a colar;
 assim... vês?!
 muito colada.»
 —«E se não torna a falar?!»
 —«Torna, torna, Sim?!... Valeu?!»
 Dei...xa, dei-ei-ei-xa! Abro-a eu!
 Eu já abri, uma vez,

o cavalinho do Né!...»
 —«Ah, sim?! Já?! E como é?!!»
 —«Por fora é só papelão,
 mas do rijo, do que é bom...
 como o pau duma vassoura;
 custou-lhe a entrar a tesoura!»
 —«A tesoura da mamã?»
 —«Sim; o bico ficou lá.»
 —«Eu carreguei, carreguei...
 fez:—tumba!... lá o rasguei!»
 —«Depois, depois e depois?!»
 —«Depois não tinha lá nada;
 era tudo farrapada!»
 —«Só farrapada?!»
 —«Sim, sim
 espera, não digo bem...
 tinha também,
 é verdade,
 uma porção de serrim.»
 —«E esta, então, o que terá?!»
 —«O serrim não diz papá!»
 —«Com certeza. Eu nunca vi...»
 —«Meu Deus, que curiosidade!
 Vamos... vamos, dá-ma cá.»



—«Mas não ma quebres; vê lá!»
—«Olha, Mimi, faz-se assim...

O Zéca foi... e cortou
mas, ao ver o que saiu,
para a Mimi nem olhou;
tudo largou e... fugiu!

E a Mimizinha a chorar,
de perninha em cruz, no chão,

vê se consegue colar
dois pedaços de cartão,

Entre lágrimas murmura,
com uma enorme aflição:
—«meu Deus, que grande impostura,
não quero mais isto assim,
uma boneca tão linda,
toda cheia de serrim!

Diz-lhe a mãe: — «é bom que aprendas;
fie-se a gente no que vê!
Por fóra sedas e rendas...
por dentro... nem sei o quê!

História dos dois bonequinhos de pasta

Por MARIA BRANCO

(Continuação do número anterior).

— «Trago fornecimento... declarou altivamente,
Destrambalhadamente, desfez o pacote, atirando ao ar
bonecos e brinquedos.

Descobrimdo o holandês, exclamou;

— «Este está mesmo a pedir dança».

Desenfreadas, correram até ao parque e o boneco arran-
jado com tanto carinho pela loira costureirinha, serviu de
bola à ruidosa partida de «foot-ball».

Maçadas daí por nada, abalavam as pequenas, abando-
nando, a um canto o pobre boneco amarrotado e
sujo.

Um architecto que desenhava um pavilhão, levantou o
holandês, indo entregá-lo a miss Daisy.

Desdenhosamente ela retorquiu: «deite-o para o lixo».

Sacudindo-o ligeiramente, guardou-o na sua pasta,
Como a sua Lena iria ficar radiante!

E como, com uns pequeninos retoques de pincel, o bo-
nequito conseguiria reaver a sua graciosidade primitiva!

V

Maria Helena, contentíssima, foi sentá-lo perto da Al-
saciana... Porém, ó Ceus!!!... julgou morrer de espanto,
vendo a Alsaciana correr para o holandês, de braços aber-
tos, e, cheios de alegria, estreitarem-se longamente... ter-
namente!

Claro que os Pais chamaram-lhe patetinha» por mais
que Lena declarasse que era verdade.

■ FIM ■

Para os meninos colorirem



fãlula

poesia e desenho

de Olavo

Um dia fugi do lar
para correr aventuras.
Não conhecia amarguras,
mas ia experimentar.
Fugi,
para nunca mais voltar.

Era novo e era audaz
e andei perdido no mundo;
mas nem sequer um segundo,
pensei em voltar atrás.

Andei na guerra também:
e quando um pobre soldado,
por vinte balas varado,
chamava por sua mãe,
eu ria como um danado.

Andei na vida a correr,
vencendo constantemente,
sem pensar, sem discorrer,
que se andava tão contente,

mais tarde vinha a sofrer.
A vida, afinal, é cheia
de sofrimento e prazer.

A desgraça, dir-se-ia
ser um punhado de areia
que dos meus dedos fugia.
Mas o tempo foi passando
e estando velho, abatido,
vou recordando o passado
que julgava ter morrido.

E só agora eu entendo,
porque motivo o soldado,
por vinte balas varado,
chamava por sua mãe.
Pois hoje, que estou sofrendo,
também a chamo e não vem.

E tendo tanto dinheiro
sou o maior desgraçado
que existe no mundo inteiro!

